



TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DA ROMEIRA E MATRIARCA QUILOMBOLA DONA JUSCELINA

Marcos Pereira-Neto ¹
Alex Ratts ²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar o deslocamento de Lucelina Gomos dos Santos, conhecida como dona Juscelina, e de sua família Gomes dos Santos em direção a Muricilândia, tendo como principal personagem dona Juscelina, desde a saída do Maranhão ainda na década de 1950 até atualmente. Por sua importância, dona Juscelina dá nome ao quilombola como representatividade cultural e simbólica. Tratarei dos geossímbolos que caracterizam as vivências espaciais e toda a bagagem cultural de dona Juscelina, das trajetórias socioespaciais e dos lugares da matriarca. Utilizo o uso da cartografia para a elaboração dos mapas que espacializa as trajetórias. Nesta perspectiva, algumas questões levam a afirmar que a constituição do território e do quilombo e a sua continuidade, principalmente no aspecto cultural, tem muito a considerar a mobilidade no processo de constituição do quilombo.

Palavras-chave: Trajetórias Socioespaciais, Dona Juscelina, Quilombo Dona Juscelina, Deslocamentos.

ABSTRAIT

Cet article vise à présenter le déplacement de Lucelina Gomos dos Santos, dite dona Juscelina, et de sa famille Gomes dos Santos vers Muricilândia, avec le personnage principal de dona Juscelina, depuis son départ du Maranhão dans les années 1950 jusqu'à aujourd'hui. En raison de son importance, dona Juscelina nomme la quilombola comme une représentation culturelle et symbolique. Je traiterai des géosymboles qui caractérisent les expériences spatiales et tout le bagage culturel de dona Juscelina, les trajectoires socio-spatiales et les lieux de la matriarche. J'utilise l'utilisation de la cartographie pour l'élaboration de cartes qui spatialisent les trajectoires. Dans cette perspective, certaines questions conduisent à affirmer que la constitution du territoire et du quilombo et sa continuité, principalement dans l'aspect culturel, a beaucoup à considérer la mobilité dans le processus de constitution du quilombo.

Mots-clés: Trajectoires socio-spatiales, Dona Juscelina, Quilombo Dona Juscelina, Déplacements.

INTRODUÇÃO

Mulher, negra, benzedeira, rezadeira, parteira, mãe, avó e bisavó, quebradeira de coco, liderança quilombola, trabalhou na roça, Lucelina Gomes dos Santos, dona Juscelina, em

¹ Doutorando em Geografia do Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, marcos.neto@discente.ufg.br;

² Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, ratts@ufg.br;



outubro de 2020 completou 90 anos de vida. dona Juscelina é uma mulher negra nascida aos 24 de outubro de 1930 em Nova Iorque no interior do Maranhão onde viveu até 1951. Ela é uma mulher que traz consigo uma trama de lugares, caminhos e saberes. As trajetórias socioespaciais marcam a história de vida das pessoas, elas elaboram a concepção de lugares, territórios e afetos, e que constrói no decorrer dos anos, sabedoria.

A trajetória de dona Juscelina é a representação de resistência, vivências, cargas simbólicas, atravessados por geossímbolos que fazem parte desta. Existem pesquisas realizadas com a comunidade, como a de Izarete Oliveira sobre os “Territórios e as Territorialidades nos Limites do Rural e Urbano” (2018) e a de Katiane da Silva Santos sobre os aspectos culturais da “Festa do 13 de maio da Comunidade Quilombola Dona Juscelina” (2018). Não se tem referências escritas sobre as trajetórias socioespaciais de dona Juscelina e que diz respeito a sua carga cultural e geossimbólica como mulher nordestina, negra e romeira.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado concluída em 2021 sobre as trajetórias socioespaciais da comunidade quilombola Dona Juscelina. Tendo por objetivo traçar a trajetória de dona Juscelina desde do Maranhão na década de 1950 até Muricilândia; seus lugares, vivências e geossímbolos. Realizei uma análise das trajetórias e construí um mapeamento destas por meio das narrativas.

Em 24 de fevereiro de 2021, o Conselho Universitário (Consuni) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), concedeu à Lucelina Gomes dos Santos, dona Juscelina, o título de Doutora Honoris Causa pelo seu notório saber e protagonismo no melhor entendimento entre os povos.

METODOLOGIA

Diante dos objetivos, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, e como etapas metodológicas utilizamos de levantamento bibliográfico, e as entrevistas com moradores/as ou lideranças da comunidade e de dona Juscelina. Elaboração cartográfica das trajetórias a partir das entrevistas e do trabalho de campo.

Estive algumas vezes na comunidade onde pude realizar um contato inicial com a associação quilombola e algumas pessoas. Diante do cenário pandêmico³ e a recomendação

³ No início do ano de 2020 se espalhou pelo mundo um vírus do grupo Coronavírus (Sars-Cov-2) que causa síndrome respiratória aguda grave do Coronavírus 2, também conhecida como Covid-19. Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde decretou estado de pandemia e determinou



para o isolamento social o trabalho de campo tornou-se impossibilitado até o final da pesquisa. Utilizei vídeos e lives das redes sociais com interlocutores da comunidade como forma de possibilitar a continuidade da pesquisa.

Com a disseminação das tecnologias digitais de informação e comunicação, TDIC, pesquisas em diversas áreas do conhecimento modernizaram-se no que diz respeito à captação de informações.

REFERENCIAL TEÓRICO

O lugar, o território e as afetividades remetem as experiências dos indivíduos com os espaços vivenciados, realçando as geograficidades, ou seja, que antes de qualquer conceituação esses grupos são “seres espaciais em sua essência, e que viver é produzir/experienciar o espaço”. (SERPA, 2019 p. 61). Esses espaços vivenciados, são os lugares por onde os interlocutores passaram durante sua vida, como a trajetória até a chegada em Muricilândia, uma espacialidade marcada de relações afetivas com os lugares, experienciadas no espaço e no tempo.

Para o geógrafo Diogo Marçal Cirqueira (2010) as trajetórias socioespaciais podem ser consideradas como “[...] um ‘percurso’ que o indivíduo perfaz durante sua vida, em que há uma relação mutua entre indivíduo e coletividade [...]” (p 42). Para tanto, entendo a vida de cada indivíduo como um percurso, um caminho, uma trajetória, que são dotados de significados com os lugares, e que contém uma sucessão de acontecimentos, esses percursos sobre o espaço são suas trajetórias socioespaciais.

[...] a trajetória de uma vida também é conformada pelo espaço. Isso pressupõe que os indivíduos perpassem por um repertório de lugares no decorrer de suas vidas, os quais, como dito anteriormente, são experienciados, significados e interpretados. O espaço, em uma relação de reciprocidade, influencia os indivíduos (CIRQUEIRA, 2010, p. 43).

Para Furtado (2011), no seu estudo das trajetórias socioespaciais de estudantes quilombolas, as trajetórias socioespaciais enquanto uma categoria de análise que está sendo construída, permite uma (re)formulação da dimensão da história espacial das vivências dos sujeitos. Para ele: “Podem ser apresentadas no conteúdo dos cursos de vida, numa perspectiva

isolamento social em todo o planeta. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812. Acesso em Junho de 2020.



que ultrapassa o limite da biografia, chegando a contemplar lugares, e experiências nos quais os sujeitos constroem suas vidas.” (p. 82).

É necessário compreendermos as trajetórias socioespaciais como algo além de uma mobilidade espacial, que é moldada pelos aspectos históricos e socioespaciais. (SANTOS, 2016). Santos e Ratts (2015) em um estudo sobre “Trajetórias negras discentes no espaço acadêmico” comentam que:

Por trajetória espacial (ou socioespacial) entendemos os deslocamentos de um indivíduo ou coletividade entre locais distintos entre espaços – de residência, de estudo, de trabalho ou lazer, entre bairros, cidades, regiões, países – que fazem a diferença na sua situação social, pois não se resumem a um deslocamento geométrico. (SANTOS; RATTS, 2015, p. 646-647)

Esses espaços são apresentados de forma experiencial e esses sujeitos se relacionam com eles de distintas formas, considerando-se as condições de espaço-tempo, os lugares são onde “cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2014 p. 31).

Dona Juscelina é uma pessoa cuja em toda sua história que é repassada oralmente, demonstra uma relação muito próximo com as pessoas e com os lugares por onde ela passou, e principalmente em Muricilândia, onde ela chegou a mais de 58 anos. Ratts (2020) em seu texto “Uma geo-grafia de estudos e pesquisas com as diferenças étnicas, raciais e territoriais” descreve com muita emoção os sentimentos gerados no encontro com dona Juscelina:

Estando ela preparada para me receber, necessitei ver, ouvir e, também, silenciar diante dessa pessoa-lugar, pessoa-saber/fazer/poder - gerada e geradora em outras pessoas-lugares, pessoas-saberes/fazeres/ poderes, a exemplo das/os griôs e das lideranças. Foi diante de suas narrativas, benditos, explicações, gracejos e olhares, imagens de santo e papéis, caixas e bandeiras (da Festa do Divino e da Folia de Reis), algo para beber e comer, silêncios e movimentos que fui refazendo o mapa que liga o Norte desta parte do país, ao qual as elites deram os nomes de Goiás, Tocantins e Maranhão, uma antiga rota da capitania do Grão-Pará com a África [...]. (RATTS, 2020, p. 223)

Na fotografia 1 o altar na casa da matriarca repleto de imagens e quadros nas paredes, representações de santos e santas católicas, objetos simbólicos onde se realizam práticas simbólicas. Destacam-se as imagens do Padre Cícero, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora Desatadora de Nós, a imagem de santo expedito na parede, o próprio Jesus e a Virgem Maria Santíssima entre outros. Essas imagens, elementos geossimbólicos, atraem para si uma espacialidade sagrada.

A construção do altar como um geossímbolo na casa da dona Juscelina sacraliza esse espaço, espaço este usado nas rezas e nas festividades do Divino Pai Eterno, Santo Reis e no



13 de maio. José Paulo Teixeira (2009) que estudou os símbolos em Terreiros do Candomblé em Goiânia – Goiás, comenta que: É neles e por eles que os membros da comunidade religiosa assumem uma relação simbólica, ao qual vai lhes assegurar ainda mais uma identidade cultural e territorial [...]. (p. 116)

FOTOGRAFIA 1 – Altar da dona Juscelina, bandeira do Divino e tambores.



Fonte: OLIVEIRA, 2018.

Carlos Eduardo Machado (2012) em seu estudo sobre o uso dos espaços domésticos como parte da experiência religiosa aponta que a prática dos altares e imagens de santos faz parte de uma experiência religiosa para além da catedral. Ele ainda afirma que no Brasil essa cultura iniciou-se ainda no período colonial com as famílias mais abastadas que não frequentavam as igrejas com as famílias da alta classe. (MACHADO, 2012)

Silveli Russo, em sua pesquisa sobre espaços domésticos, devoção e arte, destaca que no Brasil como Novo Mundo, o catolicismo foi incorporado de forma muito particular, principalmente em relação ao uso das imagens religiosas:

Neste corpus, é possível encontrar um diversificado repertório de imagens com temas correspondentes à iconografia católica, evidenciando a política de evangelização portuguesa que causou uma relevante repercussão no Novo Mundo após Trento. Vislumbra-se a Virgem, e o próprio Cristo, como as personagens sagradas mais invocadas, a suscitar, por certo, interpretações várias, geradas pelo contato dos fiéis com as imagens devotas, estimulando, por certo, a criação de laços de identidade e confiança, e ainda, rompendo barreiras e estimulando o diálogo em primeira pessoa com a divindade. (RUSSO, 2010, p. 397-398)



O altar e as representações dos santos e santas de dona Juscelina são a expressão do catolicismo popular, ter um altar em casa é a forma da Igreja Católica manter seus fieis em locais sem um pároco, enfatizando o catolicismo popular, como considera Santana, a imagem foi empregada pela igreja como recurso para a devoção, em especial para a devoção popular. (SANTANA, 2001)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nascida em 1930 na cidade de Nova Iorque, no interior do Maranhão, dona Juscelina viveu em sua cidade natal até os 22 anos de idade, a matriarca acredita lembrar que desde os sete anos de idade já brincava a festa do treze de maio se denominando uma brincante. A festa era realizada pelo seu tio Claro Preto do Saco, ele passava seus conhecimentos do período da escravidão para os mais jovens, mas escolhe dona Juscelina a se encarregar da missão de manter vivo o legado da festa. (SANTOS, 2018)

Em 1952 ela e sua família se mudam para o município vizinho, Pastos Bons, viveu lá por três anos, onde se casou com o senhor Cristino Lopes e viveram juntos por quase sessenta anos. Em Pastos Bons, Maranhão, ela com a ajuda de seu marido chegara a realizar a festa do treze de maio, porém ainda não se considerava capacitada para comandar tal evento.

O leste maranhense onde situam-se as cidades de Pastos bons e Nova Iorque às margens do rio Parnaíba tinha na década de 1950, época do início da mobilidade de dona Juscelina, características econômicas baseadas em agropecuária e extração vegetal, como amêndoa de babaçu e cera de carnaúba. (IBGE, 1958). Nas duas cidades explanadas na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros publicada em 1958, não se relata a questão escravocrata, ou remanescência de escravizados, diferentemente das falas de dona Juscelina, que afirma que em Nova Iorque havia uma “fazenda escravocrata” onde sua avó e seu tio Claro Preto do Saco haviam trabalhado.

Também na enciclopédia do IBGE, pouco retrata a história de São Bento, padroeiro da cidade de Pastos Bons, o qual era um negro escravizado que teria sido castigado pelo senhor de escravos até uma possível morte e que posteriormente reapareceu em cima de um toco de aroeira sendo levado a santidade pela população local, considera-se ainda que no lugar onde ele teria reaparecido nasceu um olho d’água que abastece a cidade. (OLIVEIRA, 2018)

Em 1956 a família de dona Juscelina, por intenção de seu pai, se muda para o então estado de Goiás, na cidade de Cristalândia,



[...] meu pai, que veio pro Goiás. Nós saímos dia 01 de julho de 56 [1956]. Aí fizemos essa viagem e fumo chegar no dia 07 de setembro em Cristalândia. Apesar que nós era de a pé, e viajamos dois mês e sete dia. Mas pra mim foi uma beleza, quando nós chegemos em Cristalândia. Eu: pai já está passando de hora de ir buscar os animais! Minha fia, já chegemos! Nós vinha por dentro pela linha do fio, aqui e acolá nós saía da linha. Toda vida de a pé! Só quem vinha muntado era a mamãe, era doente de uma perna...e os menino de três anos pra baixo. Tudo era correndo, os de cinco ano nós botava no meio da carga. Mas as cargas era tudo cheia, de tanta verdura que a gente passou no sítio. Nós nunca sentimo a viagem! (exalta a voz) Nós nunca tinha feito uma viagem, mas nós num sentimo. Porque intestia só nas frutas. O certo que cheguei pra cá, cheguei em Cristalândia, eu nunca pratiquei o meu trabalho! [Festa do 13 de maio], cidade de garimpo, muita morte! [...]. (Dona Juscelina, entrevista cedida em março de 2020)

Na fala de dona Juscelina, a caminhada é longa no deslocamento do Maranhão para o antigo norte de Goiás, não tenho informações sobre a indicação para a família se mudar para estas terras, nem o que procuravam, já que não possuíam terras e viviam sempre na cidade. A caminhada a pé na mobilidade era muito comum no período em que a família de dona Juscelina migrava, e grande parte dos migrantes do norte de Goiás eram/são maranhenses, como destaca Sader:

Eu poderia dizer que o início da luta está na origem mesma desses camponeses. A maioria é maranhense vinda de outras regiões, e há um número considerável que teve o Maranhão como etapa migratória, antes de chegar no bico do papagaio. Outros vieram diretamente do Ceará e bem poucos são goianos. A área de origem, bem como o trajeto percorrido, é de grande importância nas formas que adquire a luta pela terra. (SADER, 1986, p. 96)

No narrar dona Juscelina ainda destaca o processo da mobilidade, andavam a pé e somente sua mãe que estava doente e as crianças pequenas iam montadas nos animais, estes também carregavam a carga de alimentos a serem consumidos no percurso. Mesmo com os dois meses e sete dias de viagem a matriarca afirmam não terem “sentido a viagem”, o que considero uma demonstração da vontade de migrar.

Na mobilidade espacial do estado do Maranhão para o Tocantins, dona Juscelina, seu esposo, juntamente com seu pai, mãe, irmãos, sobrinhos, filhas, cunhados e outros parentes trouxeram consigo as afetividades e as vivências culturais e espaciais de sua terra. Dona Juscelina também traz o legado da festa passado pelo seu tio. Porém, em Cristalândia ela não se sente motivada em realizar a festa ainda, como supracitado e aqui enfatizado:

[...] Cristalândia, cidade era de garimpo, lá eu nunca fiz um festejo, porque eu achava muito desconveniente, e lá era uma cidade, mas era garimpo e todo dia morria gente, aquilo não me interessei [...]. (Dona Juscelina, entrevista cedida em março de 2020)



Dona Juscelina não se senti, ali naquele momento e naquele espaço territorializada, e não emana uma afetividade com lugares, sujeitos e territórios deixando-a desconfortável a realizar sua manifestação cultural. Para o geógrafo Bonnemaïson (2002) a territorialidade é construída pelo grupo e ela é uma relação cultural entre esse grupo os lugares e as mobilidades que compõem as trajetórias. Essa territorialidade só vai ser externalizada por dona Juscelina em Muricilândia em 1968, cerca de seis anos depois de sua chegada.

De fato, a territorialidade emana da etnia, no sentido de que ela é, antes de tudo, a relação culturalmente vivida entre um grupo humano e uma trama de lugares hierarquizados e interdependentes, cujo traçado no solo constitui um sistema espacial – dito de outra forma, um território. (BONNEMAISON, 2002, p. 285-286)

Em 1959, quando dona Juscelina morava em Cristalândia (TO), ela resolve visitar sua irmã, que morava na época em Muricilândia (TO), e cria gosto pelo local. Ao retornar para Cristalândia (TO), dona Juscelina expressa à sua família interesse de mudar-se para Muricilândia. Após insistência conseguiu convencer seu pai, o ancião da família e todos se mudam para as margens do rio Muricizal.

Aquí era mata quando eu cheguei. Aí toda a vida eu fui interesseira pra ter as coisas, sem ser mandada por ninguém, aí o certo é que eu fui e voltei lá [voltou para Cristalândia cidade onde estava residindo com a família e disse]: –Papai, pra você saber eu me engracei demais, é uma mata, mas eu queria que nós mudasse pra lá. [O Pai]: –Minha fia eu criei vocês foi dentro de cidade, eu não tenho costume de interior. Eu fui levando o véi até que chegou o dia dele dizer: –Minha fia você quer ir? Eu vou! O certo é que eu entrei pra quí no dia 02 de outubro de 62 [1962], isso aquí era mataria, eram contadas as casinhas, até a igreja da padroeira era de palha [...]. (Dona Juscelina, entrevista cedida em março de 2020)

Dona Juscelina parece então ter então encontrado seu lugar, parece estar territorializada. Ali, ela se sente familiarizada com o território e com as pessoas e se senti, diferentemente de Cristalândia (TO), apta a realizar sua Festa do 13 de maio. Para o geógrafo francês Eric Dardel (1952) a relação do homem com a terra é sempre em busca de um lugar, um lugar que é lar, um lugar do qual possamos existir, identitária e culturalmente, a partir dele:

É desse “lugar”, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspetos para trabalhá-lo. Há, no lugar de onde a consciência se eleva para ficar de pé, frente aos seres e aos acontecimentos, qualquer coisa de mais primitivo que “lar”, o país natal, o ponto de ligação, isto é, para os homens e os povos, o lugar onde eles dormem, a casa, a cabana, a tenda, a aldeia. Habitar uma terra, isso é em primeiro lugar se confiar pelo sono àquilo que está, por assim dizer, abaixo de nós: base onde se aconchega nossa subjetividade. [...]. Antes de toda escolha existe esse “lugar” que não pudemos escolher, onde ocorre a “fundação” de nossa existência terrestre e de nossa condição humana. Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades,



um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde nós iremos. (DARDEL, 2015 [1952], p. 40-41, grifos do autor)

A carga cultural e geossimbólica ainda estava guardada em dona Juscelina, ao chegar em Muricilândia em 1962, ela se alia ao senhor João Paulino, idealizador e fundador do povoado. Começa então sua luta política por melhorias do lugar, mas também começa a transcender sua cultura maranhense e católica. Então, ela começa a praticar três festas: a Festa de Santos Reis, Festa do Divino Pai Eterno e a Festa do 13 de maio, herança cultural afro-brasileira passada por seu tio.

[...] Aqui tudo que tem é a Lucelina que botava. **Eu festejo o Divino Espírito Santo, eu festejo os Santo Reis, andando nas casas visitando com o meu santo. Sou romeira do Padre Cícero, Sou romeira do Divino Pai Eterno, tudo isso eu já fui a romaria deles** [...] O lindô foi criado aqui [...] com muito tempo que chegou esses negradinhas e entraram pra lá, a força de negro, mas não tinham produção, não tinham conhecimento, andavam só de muda morando nos interior. E eu, fui nascida e criada dentro da cidade e já tinha tudo isso lá. Eu tinha lindô lá na minha terra e aqui cheguei e botei também [...] Já brincava o lindô, a roda de São Gonçalo, a roda de São Benedito [...] **Toda brincadeira, toda festa, todo alegrão aqui era a Lucelina na cabeceira.** (Dona Juscelina, 2018, entrevista cedida a SANTOS, 2018, p. 95, Grifos da autora)

A chegada de dona Juscelina ao povoado de Muricilândia, quebrou com tradições, agora as pessoas não somente rezavam, elas passaram a celebrar as festas e a rezar. Essas festas podem ser expressas como características culturais, que especializadas em lugares onde o grupo se territorializa se tornam geossímbolos. (BONNEMAISON, 2002). Santos (2018) que estudou as festividades da comunidade quilombola expressa seu entendimento da festa como atividade cultural e identitária da comunidade: “As Festas são práticas que neste caso também a entendemos como ritos, e que são de grande expressividade da cultura negra, solidificando a construção de uma identidade afro”. (SANTOS, 2018, p. 95)

Mas a Lucelina chegou, nesse tempo era nova, eu enfrentava festa, eu fazia festa, tomava conta das enfrentantes do festejo, botava barraca. (Dona Juscelina, entrevista cedida em março de 2020)

A Festa de Santo Reis, ou reisada, é uma festividade que acontece no período noturno, dona Juscelina participa da festividade de origem católica desde Nova Iorque (MA), e trouxe com ela esse arcabouço cultural, católico popular para Muricilândia (TO). Todos os anos, dona Juscelina pratica a reisada, devido uma promessa que fez na década de 1960 pela saúde de sua irmã. (SANTOS, 2018)

[...] Lá da minha terra mesmo eu assistia no Maranhão [...] eu pedia a papai, desde mocinha mesmo e quando andava cantando aquele pessoal cantando, aí chegava alta noite, de madrugada, chegava lá e nós ia receber, eu pedia a papai que ele deixasse



eu acompanhar [...]. (Dona Juscelina, 2018, entrevista cedida a SANTOS, 2018, p. 96)

Em virtude da idade já avançada de dona Juscelina e de alguns festeiros de Santo Reis, hoje a festa fica mais reservada as rezas. Dona Cícera, quilombola, lembra como era as festividades em décadas passadas:

[...] A dona Lucelina [...] ela cantava os reis, então no reis dela tinha a Burrinha, tinha a Catirina, tinha os Caretas e o Boi. Então, quando chegava numa casa, aí a dona Lucelina: –Vocês aceitam que os personagens dançam, apresentam? Aí quem tinha dinheiro, falava assim: –Eu quero, todos os personagens [...] a Catirina era alta, fina com um [...] [adorno] na cabeça, “êh, mais eu tinha medo”, ela corria atrás da gente, e a Burrinha era redondinha, a roupinha bem bonitinha, enfeitada com [...] papel de cigarro, de balinha, enfeitava a roupinha, e os Caretas também, os Caretas parece que era até mais engraçado que os de hoje [Os romeiros de Aragominas ainda realizam Reisadas com os Caretas], e o Boi [...] Aí começava, a dona Lucelina começava a cantar, aí vinha a Catirina, a Burrinha, aí vinha os Caretas e começavam a dançar, aí de repente começava outra música, aí o Boi ia entrando de marcha lenta, moço mas era bonito naquela época, acabou [...] Quando era no final da Festa da dona Lucelina que ia matar o Boi [...] a gente chorava na hora da morte do Boi [...]. (Cícera Vieira de Almeida, 2018, entrevista cedida a SANTOS, 2018, p. 96)

Dona Juscelina lamenta a ausência de uma festividade mais alegre, como as que ocorriam anteriormente, ela também lamenta o fato de a comunidade não seguir o ritual que fazia, de certa parte, da cultura local:

[...] Hoje em dia tá tudo diferente, eu não boto um Careta nem numa reisada eu não boto um Careta [...] de primeiro, só cantava reis depois que todo mundo tava deitado [durante a madrugada], pra cantar e levantar [e acompanhavam o grupo], mas hoje a gente vai cantar cedo, aí é obrigado mandar entrar pra dentro e fechar a porta [...] hoje já tem só vaidade, é sem-vergonhice demais [...]. (Dona Juscelina, 2018, entrevista cedida a SANTOS, 2018, p. 96)

A festividade se realiza com a novena desde a noite de natal até o dia 6 de janeiro, que na tradição cristã é o dia dos Três Reis Magos⁴. Nas noites dos três dias que antecedem ao dia de Reis ocorre as visitas, “Os romeiros celebraram nos últimos três dias, véspera do dia de Reis, a visitação nas casas, surpreendendo os residentes. Ao cair da noite e com estouros de foguetes, o grupo de celebrantes põem-se as portas da vizinhança [...]” (SANTOS, 2018, p. 97). Após o período das visitas, todos se reúnem na casa de dona Juscelina, onde realizam penitências, rezas durante toda noite de Reis.

⁴ O Reisado chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses celebrando o nascimento do Menino Jesus. No Brasil é uma espécie de cataclismo popular. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=217&Itemid=1. Acesso em: outubro de 2020.



A Festa do Divino Pai Eterno é realizada em honra ao Divino Espírito Santo, na religião cristã ela é realizada no domingo de Pentecostes, o qual ocorre cinquenta dias após o domingo de páscoa. No quilombo Dona Juscelina, a tradição da festa foi idealizada e até hoje é mantida pela matriarca.

Na pesquisa realizada por Santos (2018), a autora observou que nesta festividade os romeiros realizam penitências no decorrer da noite até o raiar do dia, durante três dias. No ano de 2018 a festividade aconteceu na sede da Associação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina (ACQDJ) e contou com a presença de romeiros de Aragoínas, rezando e cantando por toda a noite até o último dia que é o dia de Pentecostes (SANTOS, 2018). Dona Cícera fala das memórias da Festa do Divino:

[...] Quando a dona Lucelina chegou, ela trouxe a reza do Divino [...] O Divino usa a bandeira, a caixa [tambor], aquelas pessoas com a farda [...] aquela cor vermelha, as fitas do divino, uma pomba no Divino [...] De casa em casa, e ali as pessoas davam a esmola pro santo e quem pudesse dava alguma coisinha, uma puba, um polvilho, ovo, dava azeite de coco que naquela época era azeite de coco, nós nem sabia que tinha óleo [industrializado] [...], o sal que nós usava era sal grosso. E a dona Lucelina cantava, e saía de casa em casa, muito bonito, era de dia que ela cantava e a reza de noite [...]. (Cícera Vieira de Almeida, 2018, entrevista cedida a SANTOS, 2018, p. 99)

Durante as três noites de festividade o grupo de romeiros se reúne e saem pelas ruas parando nas casas ao som de instrumentos como o tambor e rabeca, os moradores abrem as portas e pedem a passagem da bandeira do Divino Espírito Santo e de seus símbolos, o ritual é descrito por Santos (2018):

[...] uma caixa com enfeites contendo uma pomba simbólica e a Bandeira do Divino (de tecido na cor vermelha, no centro há a figura de uma pomba com uma planta no bico, na haste que a sustenta fitas de diferentes cores). No interior das casas cantam e passeiam com a bandeira esperando por bênçãos. (p. 100)

A festa do Divino Pai Eterno (Divino Espírito Santo) ocorre em alguns estados brasileiros como o Tocantins, Maranhão, Goiás, Minas Gerais e São Paulo (RODRIGUES, 2014). Têm em comum o uso da bandeira do Divino Espírito Santo, o qual o Cientista Social e pesquisador Carlos Rodrigues Brandão salienta que: “A cruz nesse movimento representa a igreja institucional territorializada, e a bandeira é um símbolo móvel apropriado pelo catolicismo popular”. (BRANDÃO, 1981, p. 26).

Após as visitas o grupo reza durante toda noite como penitência, contando com a presença dos romeiros e de pessoas religiosas e confraternizam com um banquete.

Dona Juscelina se destaca então como uma mulher que luta politicamente, mas que também busca em sua fé acalanto, uma fé de característica popular muito forte, devota de



vários santos e santas, que já realizou as romarias do divino no estado de Goiás e a de Padre Cícero em Juazeiro do Norte no Ceará.

[...] eu sou romeira, eu nasci romeira e sou romeira e sou devota, devota de todos os santos, devota do padre Cícero do Juazeiro, devota do meu Pai Eterno na Trindade e devota do Espírito Santo e de todos os santos. (Dona Juscelina, live da Semana da Terra Padre Josimo – CPT, 08 de maio de 2020)

A festa do dia 13 de maio, onde a comunidade celebra a assinatura da Lei Áurea, é um dos principais marcos festivos culturais da comunidade quilombola. Iniciada em Muricilândia por dona Juscelina em 1968, a festa ocorre praticamente todos os anos, com algumas pequenas exceções, como a morte de sua filha que interrompeu a festa por alguns anos na década de 1980 (SANTOS, 2018).

Dona Juscelina trouxe a festa de sua cidade no Maranhão, passado pelo seu tio, o senhor Claro Preto do Saco. A família de dona Juscelina viveu em uma fazenda escravocrata no século XIX de propriedade do Coronel Santana, o qual, segundo ela, mantinha uma relação amigável com seus escravos. Com a notícia da abolição em 1888, o coronel ofereceu donativos para uma comemoração, o qual deixou os negros que ali estavam com um sentimento de apoio no direito de liberdade, assim nasce a Festa do 13 de maio. (SANTOS, 2018).

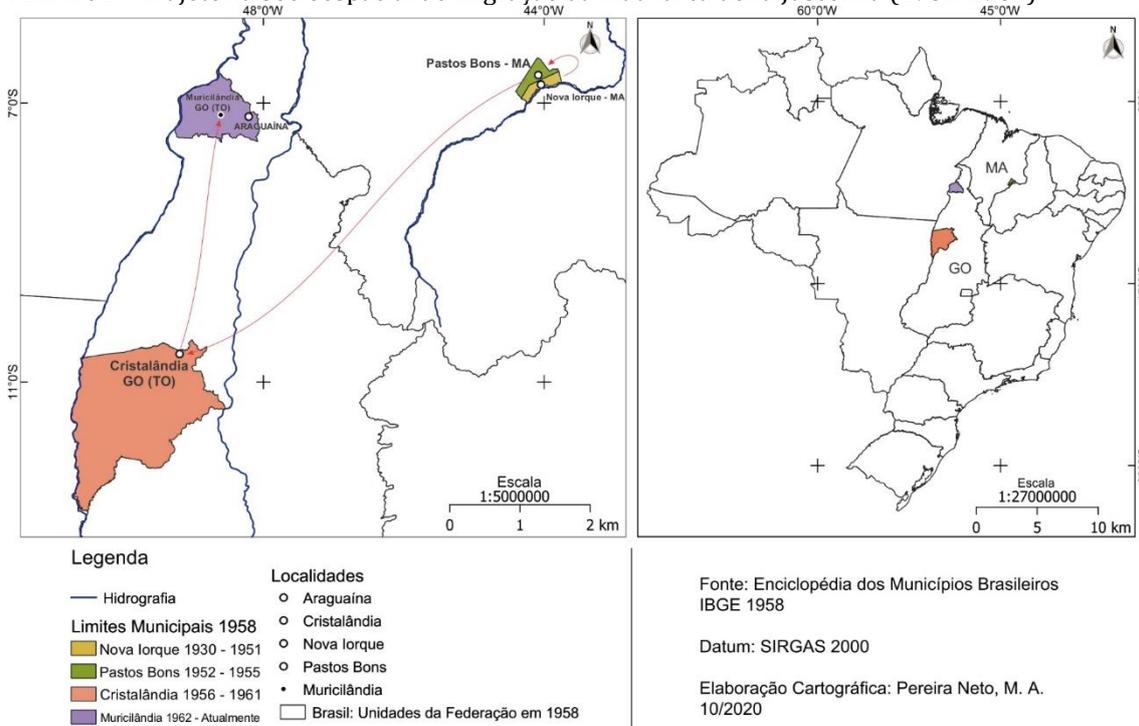
Sua realização, no dia 13 de maio é composta por três momentos, inicia-se com a alvorada, que representa a anunciação da libertação, que acontece às quatro horas da madrugada, posteriormente se inicia a organização e a realização do Teatro da Abolição, que é realizado a céu aberto às quinze horas, e por fim, no pôr do sol, ocorre o cortejo onde todos andam pelas ruas de Muricilândia cantando e festejando (OLIVEIRA, 2018).

Dona Juscelina se mostra uma mulher guerreira, que luta na batalha de todos e todas, buscando sempre manter ou aperfeiçoar os aspectos culturais herdados e (re)produzidos ao longo dos seus noventa anos de idade. Os lugares pelos quais ela passou, a suas vivências, com pessoas e objetos, os quais alguns se tornam especiais com uma carga simbólica, esses lugares e/ou objetos geossimbólicos que fazem parte da carga cultural que está sempre viva na pessoa-corpo Lucelina Gomes dos Santos.

Dona Juscelina se mostra querida por todos em Muricilândia, uma mulher forte, que até nos seus noventa anos de idade é aclamada pelos muricilandenses e pelos quilombolas, respeitada nas comunidades próximas, que sempre se junta à comunidade na luta por direitos também sempre acompanham o 13 de maio. Nas falas dos quilombolas ela é definida como guerreira, como uma mulher que não se intimida, que “arregaça as mangas” expressão

brasileira muito comum, que quer dizer uma pessoa que “vai lá e faz”. Mesmo sem muita escolaridade, conduziu um povo culturalmente e agiu fortemente na política.

MAPA 01 – Trajetória Socioespacial de migração da matriarca dona Juscelina (1951-1962)



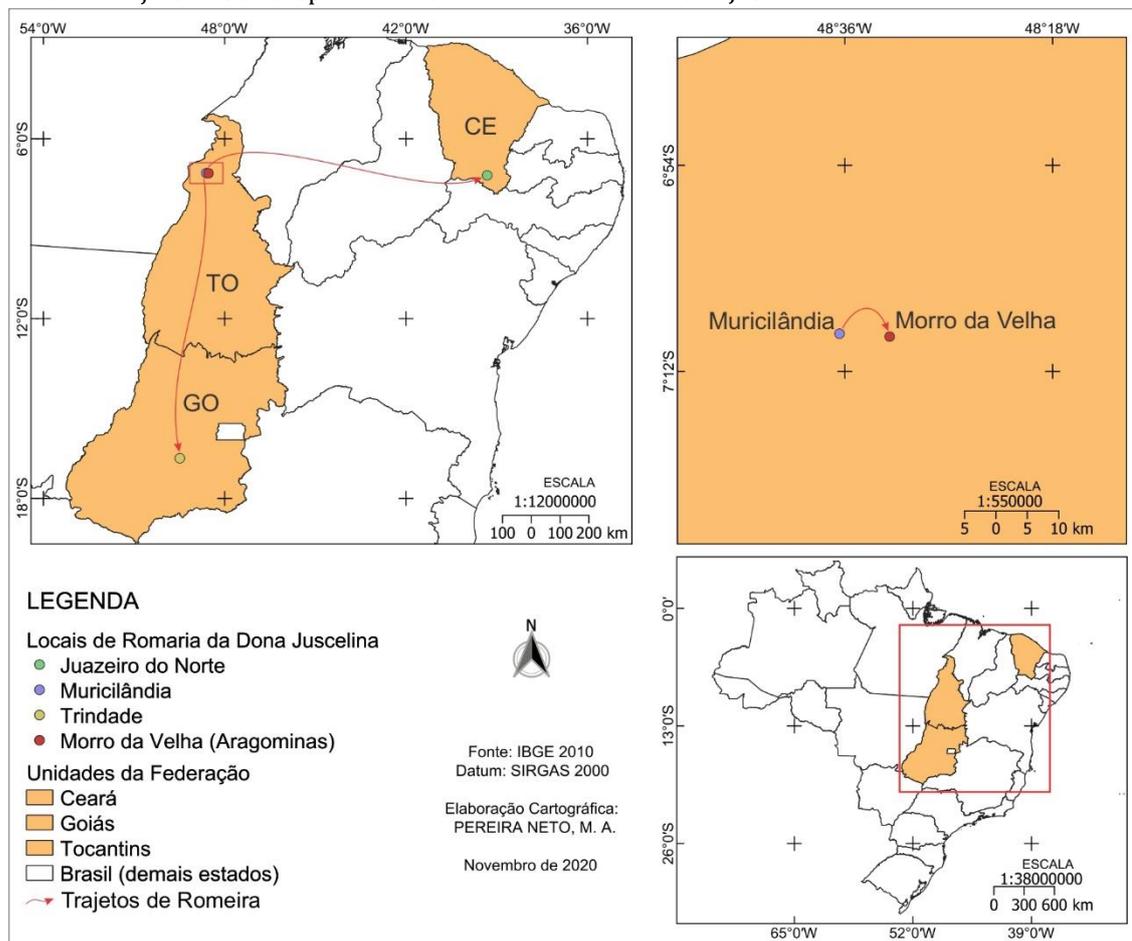
Fonte: IBGE 2017; IBGE 2010; IBGE 1958.

Dona Juscelina, antes de ser/estar em Muricilândia, teve um percurso geo-gráfico que culminou nessa identidade cultural, nas afetividades e nos saberes socio territoriais, espacial, simbólico, afetivo. As mobilidades das pessoas demonstram o seu repertório de lugares, Ratts (2001) nos escreve que “[...] a mobilidade territorial dos ‘antigos’ parecia ser intensa no que diz respeito aos tipos de movimentação: ‘migração de trabalho’ e ‘deslocamentos rituais’”. (RATTS, 2001, p. 57)

Acredito que a trajetória de dona Juscelina e de sua família tenha se dado por uma “mistura” desses dois tipos de mobilidade. Tanto a mudança da família Gomes dos Santos em 1951 de Nova Iorque, no Maranhão, para a cidade vizinha de Pastos Bons, no mesmo estado, e em 1955 quando se deslocam de Pastos Bons para Cristalândia, no então estado de Goiás atualmente Tocantins. (MAPA 01)

O mapa 01 retrata a trajetória de migração da matriarca, essa é uma importante mobilidade em sua experiência vivida e nos lugares, mas também é necessário retratar a trajetória de romeira da dona Juscelina, como já colocado aqui, ela se denomina romeira do Padre Cícero, do Divino Pai Eterno e que já esteve nos locais de romaria, como em Juazeiro do Norte no estado do Ceará, e em Trindade em Goiás. (MAPA 02)

MAPA 02 – Trajetória Socioespacial de romaria da matriarca dona Juscelina



Fonte: IBGE 2010.

Importante também ressaltar que comumente dona Juscelina encontra-se no morro em Aragominas, por ser um lugar simbólico para os romeiros do Padre Cícero no norte do Tocantins. Não tenho acesso às datas e aos detalhes da trajetória de romeira da matriarca, uma vez que devido à pandemia do Coronavírus não estou realizando contato com dona Juscelina.

O mapa da trajetória da matriarca dona Juscelina, traz consigo as marcas culturais, costumes e as crenças, um arcabouço cultural que é construído ao longo de sua trajetória pelos espaços vivenciados. Ao adentrar o território em Muricilândia, ele se choca com as outras culturas e ali se percebe o lugar de encontro, onde se expressa nas mais diversas formas de resistência, a exemplo do 13 de maio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A matriarca dona Juscelina, traz consigo as marcas culturais, costumes e as crenças, um arcabouço cultural que é construído ao longo de sua trajetória pelos espaços vivenciados.



Ao adentrar o território em Muricilândia, ele se choca com as outras culturas e ali se percebe o lugar de encontro, onde se expressa nas mais diversas formas de resistência, a exemplo do 13 de maio.

A trajetória de dona Juscelina, desde sua saída de sua cidade natal, Nova Iorque no estado do Maranhão para a cidade vizinha Pastos Bons e posteriormente para o estado de Goiás – região que atualmente é o estado do Tocantins – e sua chegada em Muricilândia. dona Juscelina tem em suas trajetórias essa marca cultural entregue pelo seu Tio, que é a Festa do 13 de maio. A chegada dela em Muricilândia na década de 1962 é um marco de ruptura com todos os padrões da época, ela traz essa cultura da festa do 13 de maio, a qual ela e a comunidade concebem como cultura negra.

REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, vol. II, 2002. p. 279-304.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Plantar, Colher, Comer: um estudo sobre o campesinato goiano**. Rio de Janeiro. Graal. 1981.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória de Milton Santos**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Goiânia: UFG. 2010.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. [L’homme et la terre: nature de la réalité géographique – 1952]. São Paulo: Perspectiva, 2015. Tradução: Werther Holzer.

FURTADO, George da Cunha. **Trajelórias socioespaciais de estudantes quilombolas de Cedro e Buracão: Desafios e Perspectivas Educacionais em Quilombos no Sudoeste Goiano**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2011. 176 f.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Programa Cidades@**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. XV – Maranhão. 1958.

MACHADO, Carlos Eduardo. Revisitando os altares domésticos: os usos dos espaços domésticos como parte da experiência religiosa. **Primeiros Estudos**. São Paulo, n2. 2012. p. 144-165.

OLIVEIRA, Izarete da Silva de **Território e territorialidade nos limites do rural e urbano, na comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - TO**. Dissertação



(Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018. 183 f.

RATTS, Alex. Uma geo-grafia de estudos e pesquisas com as diferenças étnicas, raciais e territoriais. In: FREIRE, Adriana Feitosa. **Cultura e território em foco: uma abordagem interdisciplinar**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. Cap. 15. p. 222-237.

RATTS, Alecsandro (Alex) J. P. **O mundo é grande e a nação também: identidade e mobilidade em territórios negros**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. 190 f.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. in MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 17-32.

RUSSO, Silveli Maria de Toledo. Artefatos da Fé. **Projeto História**. Patrimônio e Cultura Material. n 40, junho de 2010. p. 393-422.

SADER, Maria Regina Cunha de Toledo. **Espaço e Luta no Pico do Papagaio**. 248 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

SANTANA, Tânia Maria Pinto de. **Os negros cristãos católicos e os cultos aos santos na Bahia colonial**. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001, 174 f.

SANTOS, Katiane da Silva. **Do Passado ao Presente: a festa 13 de maio da comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - TO**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018. 210 f.

SANTOS, Mariza Fernandes dos. **Movimento Negro e Relações Raciais no Espaço Acadêmico: Trajetórias Socioespaciais de Estudantes Negros e Negras na UFG**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2016. 156 f.

SANTOS, Mariza Fernandes dos; RATTS, Alex. Trajetórias negras discentes no espaço acadêmico: o quadro da Universidade Federal de Goiás diante das ações afirmativas. **Educere et Educare**. n 20. Cascavel. 2015. p. 641-652

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2019.

TEIXEIRA, José Paulo. **Paisagens e territórios religiosos afro-brasileiros no espaço urbano: terreiros de candomblé em Goiânia**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. 151 f.